

Meu Lugar na UFRGS



ROCHELE ZANDAVALLI/SECOM

O segundo lar de Luiz

Todos os dias, a manhã de Luiz começa da mesma forma: chega ao trabalho às oito horas, confere todos os setores do Laboratório, anota em sua planilha o que precisa ser resolvido para que eles estejam em condições de serem usados e, então, repassa essas informações a seus colegas, de forma que as atividades previstas para o dia possam acontecer. É assim que Luiz Pinto Ribeiro, 64, técnico do Laboratório de Pesquisa do Exercício (Lapex), trabalha desde 1981, totalizando mais da metade da sua vida de dedicação ao Lapex. Fundado em 1973, o órgão auxiliar da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (Esefid) une no mesmo espaço profissionais da área da saúde e professores, alunos, técnicos e atletas da Escola.

Dividido em seis setores – Avaliação Postural, Biomecânica, Ergometria, Fisiologia e Bioquímica do Exercício, Neuromuscular e Plasticidade Neuromuscular –, o laboratório tem como principais atividades o desenvolvimento de pesquisas e a prestação de serviços à comunidade, como testes de avaliação e preparo de rotinas de treinamento. Além disso, ali também são desenvolvidas atividades paralelas, como palestras e cursos de especialização, realizados por meio de associações com instituições públicas e privadas.

Trabalhar no Lapex era um sonho para Luiz, que, por ter sido desportista na juventude, viu no local uma boa oportunidade de ter contato com a prática esportiva no ambiente de trabalho. Desde então, sua vida profissional se moldou em torno da área, e Luiz descobriu novos significados para a atividade física. Mesmo ingressando no laboratório como técnico, o gosto pela área é tamanho que ele se faz presente de forma integral no laboratório: gosta de participar de tudo, acompanhando todas as etapas das pesquisas e as avaliações realizadas. Para

Luiz, isso possibilita a aquisição de novos conhecimentos: “Eletrocardiograma, por exemplo, é uma coisa que médico costuma fazer, e eu aprendi aqui”, comenta. Sua preferência, porém, é pelo setor de Fisiologia.

Ser o “veterano” no local fez com que Luiz presenciasse diversas mudanças ao longo dos anos no Lapex, como na estrutura, por exemplo. Por inicialmente ter sido instaurado no palco do ginásio da Esefid, o espaço era reduzido. Com a inauguração do Centro de Excelência Esportiva, em 1997, o laboratório foi transferido para o novo prédio, onde segue localizado até hoje. Para o técnico, já é tempo de uma nova casa para Lapex, pois o espaço atual está ficando apertado: “Acho que precisa de mais laboratórios. Os atuais estão ficando menores, porque já há muitos alunos aqui. Tem mais aparelhos também, acho que triplicou desde que eu entrei”. Esse aumento, no entanto, não é visto como algo negativo: “Isso é bom. É um sinal de que há um aumento na procura pela pesquisa”, conclui Luiz com um sorriso no rosto.

Quando questionado sobre qual o significado do Lapex em sua vida, Luiz responde com os olhos marejados: “É o meu segundo lar”. Esse apeço é traduzido nas raízes criadas por Luiz no ambiente de trabalho: mesmo depois de 37 anos, pretende continuar ali por mais tempo; “Eu já poderia ter me aposentado, mas não tem porque eu ficar em casa sem fazer nada se posso estar aqui. Por enquanto não quero, ainda me sinto em condições. Se for necessário, eu saio; do contrário, não. Gosto do trabalho, do ambiente, dos colegas. As pesquisas são boas, eu me dou bem com todo mundo. Tenho muito gosto de trabalhar aqui”.

Isabel Linck Gomes,
estudante do 4.º semestre
de Jornalismo da UFRGS

Esta coluna é uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas serão exibidos no Canal 15 da NET diariamente às 20h e às 23h.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil

Sintonia feminina

Docência Pesquisa em gênero, sexualidade e educação como um caminho para questionar

Professora da Faculdade de Educação da UFRGS (Faced), Jane Felipe de Souza lembra com alegria de quando entrou no curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A rotina era dura: pegava dois ônibus e um trem até o câmpus no bairro de Botafogo, na zona sul da cidade. Costumava viajar em pé, já que o embarque era no meio do trajeto das linhas. “Foi muito difícil, mas eu era jovem e aguentava esse tranco”, admira-se. Na primeira semana de aula, aconteceu um “pequeno trauma”: o ônibus que saía da Ilha do Fundão e passava pela Maré foi assaltado. “Lembro que estava com o dinheiro para comprar o livro de anatomia, que era caríssimo. Dei um jeito de esconder debaixo da perna e, quando o assaltante passou, dei os troquinhos para ele. Não levou meu dinheiro para o livro.”

Jane recorda que nos anos 1980, para quem vinha de famílias pobres como a dela, era difícil estar na universidade e que o perfil dos alunos era diferente do que se vê nas instituições públicas hoje. Apesar disso, como estudava perto da Praia Vermelha, era possível “desfrutar” o mar e o bondinho do Pão de Açúcar entre um intervalo e outro. Jane conta que ir para aula de biquíni por baixo da roupa era uma prática comum entre as colegas que moravam na zona sul do Rio.

Durante o curso, gostava das discussões das poucas disciplinas

sobre educação na Psicologia. Segundo ela, na UFRJ daquela época, havia um número significativo de professores psicanalistas; por isso, os outros eixos teóricos eram pouco estudados.

Formou-se em 1985 e fez questão de cursar a licenciatura para poder dar aulas. Experimentou a docência ainda no Rio de Janeiro, ainda na década de 80. Seguiu na área da Educação durante o mestrado na Universidade Federal Fluminense, em Niterói, concluído em 1991.

Sul – Jane conheceu Porto Alegre por conta de um congresso da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e se apaixonou pela cidade. Devido ao frio que fazia em abril de 1987, o casaco mais quente que poderia comprar no Rio de Janeiro não foi suficiente. Mesmo assim, voltou para o Rio convicta de que deveria se mudar. “Gostei da cidade e um ano depois estava aqui, assim que terminei as disciplinas obrigatórias do mestrado.”

A docente admirava a cultura gaúcha quando era criança. Descobriu em uma revista sobre folclore a figura do peão e da prenda. Na adolescência, conheceu uma menina gaúcha que depois veio a ser uma grande amiga. “Lembro que eu era criança e meu pai colocava a minha calça do pijama para dentro da meia como se fosse uma bombacha.” Depois que se mudou, a relação com o Rio Grande do Sul, sobretudo com a capital, ficou mais significativa: “Aqui, tive a minha filha, já no segundo casamento. Construí a minha trajetória profissional e afetiva”.

Entre 1991 e 1995, trabalhou na Universidade Federal de Pelotas. Nessa época ouviu uma palestra da professora Guacira Louro e se encantou com a argumentação sobre as questões de gênero. Prestou concurso para área de Educação Infantil na UFRGS em 1994. “Lembro que não pude assumir imediatamente

porque o governo havia trancado as contratações.” Por isso, ingressou no corpo docente apenas no ano seguinte, quando também iniciou o doutorado sob orientação de Guacira.

Entrou no programa de pós-graduação em 2001 na linha de pesquisa Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, atuando no eixo temático Infâncias, Gênero e Sexualidade. “A gente vem insistindo em mostrar que a escola tem o compromisso com a ampliação do conhecimento. Todo e qualquer tema, assunto ou curiosidade que as crianças e os jovens trazem deve estar na pauta de discussão. Para isso precisamos ter professores e professoras bem formados também nessa área.” Ela reitera a centralidade dos temas que vêm pesquisando: “Em nossa linha de pesquisa, defendemos os direitos humanos fundamentais, discutimos a importância do feminismo, dos movimentos LGBTI e os direitos da infância. Temos percebido um enorme retrocesso no Brasil em relação a esses temas, que podemos chamar de sensíveis no campo da formação docente”.

Jane cursou o pós-doutorado na Universidade de Barcelona, na Espanha, entre 2009 e 2010. Em setembro deste ano, finaliza uma pesquisa realizada em parceria com dois colegas espanhóis que discute maus tratos emocionais, dentro do tema Violências contra as mulheres. A docente conta que o tema surgiu a partir do relato de alunas durante conversas em sala de aula. Jane orgulha-se da produção acadêmica junto aos grupos de estudo de que participa. Com a proximidade da aposentadoria, pretende se dedicar mais à escrita literária, atividade que desenvolve desde 2003 quando começou a participar de oficinas de escrita criativa.

Lucas Borghetti,
estudante do 4.º semestre
de Jornalismo da UFRGS



ROCHELE ZANDAVALLI/SECOM